

FANTÁSTICO MARAVILHOSO: FÉ, PROTEÇÃO E REDENÇÃO NO CONTO “O DEFUNTO”¹

Isabel Lima Rodrigues da Silva
Graduando em Letras-Português — UFC

A Narrativa Fantástica

Vários estudiosos preocuparam-se na tentativa de definir esse gênero da literatura, que só foi realmente estabelecido como gênero no período do romantismo: o fantástico. Na obra *Antologia do Conto Fantástico Português* (1974, p.11) a literatura fantástica é apresentada como uma válvula de escape para o leitor e para o escritor.

Foi na segunda metade do século XIX que os escritores começaram a escrever contos fantásticos. Essa literatura possui temas que envolvem fantasmas e seu campo semântico. É no fantástico que encontraremos os seres sobrenaturais.

Uma das primeiras definições de fantástico surgiu em 1927 com o escritor norte-americano H.P. Lovecraft. Ele daria uma definição de literatura fantástica em sua obra *Supernatural Horror in Literature*, publicada em 1945. Para ele a literatura fantástica é aquela capaz de suscitar medo do desconhecido no leitor, ou seja, o critério de definição estará situado na experiência particular do leitor.

¹ Trabalho apresentado na disciplina de Tópicos de Literatura Portuguesa I, sob orientação da Profa. Dra. Ana Marcia A. Siqueira, em novembro de 2011.

Lovecraft (1945, p. 40) afirma que:

A atmosfera é a coisa mais importante, pois o critério definitivo de autenticidade [do fantástico] não é a estrutura da intriga, mas a criação de uma impressão específica. (...) Eis porque devemos julgar o conto fantástico não tanto em relação às intenções do autor e os mecanismos da intriga, mas em função da intensidade emocional que ele provoca.

Contudo, foi com Tzvetan Todorov em sua obra *Introdução a Literatura Fantástica*², publicada em 1970 que obtivemos um estudo mais detalhado sobre o gênero fantástico. Para Todorov (1970, p.15-16) “fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.”.

O que podemos observar então é que o ponto de vista de H.P. Lovecraft é impressionista, emocional e absoluto; já Todorov possui um ponto de vista objetivo e científico.

Há dois pensamentos acerca do fantástico.

O de Louis Vax, Marcel Schneider, e outros, que acreditam que o fantástico está presente em várias épocas e em vários países. Contudo, P. G. Castex, R. Caillois, T. Todorov, J. Finné defendem que há um paralelismo entre as características do Romantismo e do Fantástico, tais como: a valorização do inconsciente, das crenças medievais, do elemento noturno, da obscuridade, da evasão, da loucura, do onírico.

² TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*, ED. Perspectiva, São Paulo, 1970.

Fantástico Maravilhoso

Todorov afirma que existem dois subgêneros do fantástico, o fantástico-estranho e o fantástico maravilhoso.

Todorov (1970, p. 25) descreve sobre o *fantástico-estranho* que:

Os acontecimentos que com o passar do relato parecem sobrenaturais, recebem, finalmente, uma explicação racional. O caráter insólito desses acontecimentos é o que permitiu que durante comprido tempo o personagem e o leitor acreditassem na intervenção do sobrenatural.

A outra linha de subdivisão do fantástico é aquela que ocorre com a aceitação do sobrenatural. O fato de os acontecimentos continuarem sem explicação faz com que o *fantástico maravilhoso* se aproxime mais do fantástico puro descrito por Todorov.

E é nessa categoria que encaixaremos o conto analisado, por ser no *fantástico maravilhoso* que encontramos a presença da religiosidade, bem como a presença de santos, demônios, Deus e o Diabo.

Contudo, apesar de enquadrarmos o conto nesse subgênero, podemos pensar que no conto “O defunto”³, por causa da religiosidade, tão presente na época em que o conto se passa os acontecimentos não sejam tão inadmissíveis, mas, também, não possuem uma explicação racional, visto que a religião não pode ser analisada do ponto de vista da razão.

³ MELLO, Fernando Ribeiro de. *Antologia do Conto Fantástico Português*, Ed. Afroditê 1974, p. 221-253.

Religiosidade na Idade Média

Um aspecto muito importante no conto é a época em que ele se passa. A narrativa acontece no ano de 1474, em Portugal, na Idade Média (sec. V e XV)

No ano de 1474, que foi por toda a Cristandade tão abundante em mercês divinas, reinando em Castela Elarei Fernando IV, veio habitar na cidade de Seguia, onde herdara moradias e uma horta, um cavaleiro moço, de muito limpa linhagem e gentil parecer, que se chamava D. Rui de Cárdenas. (QUEIROZ, 1974, p.221)⁴

Essa localização de tempo e espaço é muito importante para a análise do conto, principalmente no que diz respeito à religiosidade, pois a Idade Média é um período conhecido como “Idade da Fé”, período no qual a fé misturava-se com os acontecimentos cotidianos.

O *fantástico maravilhoso*, como já dissemos, implica a presença do sobrenatural em ruptura do cotidiano. Contudo, na Idade Média a presença da religiosidade já fazia parte do cotidiano das pessoas.

No conto, podemos perceber que, na verdade, o que intriga D. Rui, não é apenas o fato de um defunto estar “vivo” e sim o fato de não saber que divindade lhe mandara um companheiro como aquele.

Na Idade Média os santos eram vistos como protetores dos homens na terra. Os reinos se colocavam sob a proteção

⁴ Os trechos do conto foram todos retirados da *Antologia do Conto Fantástico Português*.

de algum santo específico. Para eles os santos tinha poder de realizar vários milagres. Ou seja, a religiosidade na Idade Média não necessariamente era vista como algo sobrenatural.

A partir do sec. XIX, um século de uma literatura mais realista, a presença do religioso se dá como sobrenatural por não haver nenhuma explicação racional para a existência de Deus ou o Diabo, ou para a explicação de milagres,

Ainda falando de medievalidade, ou melhor, de religiosidade medieval, é importante ficar claro que para o homem medieval a vida espiritual não era uma ideia abstrata, mas um modelo de conduta a ser seguido pelos homens. Através da religião o homem possuía autonomia para diversas realizações sociais.

Jacques Le Goff (1994, p.56) diz que "O que no Maravilhoso causa espanto vem, para os homens da Idade Média, da tolerância do cristianismo, que lhe permite existir e manifestar-se."

O homem medieval tem consciência de que vive numa luta entre bem e mal (Deus e o diabo). Para ele tudo na sociedade era definido pela vontade de Deus, caráter social e financeiro, na sua vida pessoal e outros aspectos. Tanto que nessa época a Igreja Católica tinha um grande poderio sobre a sociedade.

O Conto

O conto narra a história de D. Rui, que tinha por madrinha Nossa Senhora do Pilar, e que, sempre ia a igreja rezar.

Morava em Segóvia, onde vivia também D. Alonso de Lara que tinha por esposa a jovem D. Leonor. D. Alonso tinha

muitos cuidados sobre D. Leonor e deixava-a ir à igreja apenas sob os olhos de dois "capangas" e uma aia.

Ate que um dia D. Rui percebeu a beleza de D. Leonor e apaixonou-se por ela, porém ela não o percebia e logo D. Rui viu-se a sofrer por não ser correspondido.

Ao ficar sabendo disso D. Alonso fica irado e põe-se a odiar D. Rui e a vigiá-lo e às vezes a desconfiar da indiferença da esposa.

Trama uma vingança contra D. Rui e forja uma carta de amor para que ele possa ir a encontro de D. Leonor e então mata-lo.

Após receber a carta, D. Rui vai a Cabril. A caminho de Cabril, ondemorava D. Alonso e D. Leonor, D. Rui é chamado por um defunto no Cerro dos Enforcados, o qual o acompanha em sua jornada ao encontro de D. Leonor.

Ao chegar a Cabrilo defunto se faz passar por D. Rui. Logo percebem realmente ser uma emboscada e o defunto é "morto" por D. Alonso. Que logo fica pasmado ao não encontrar o corpo no dia seguinte. Ele resolve voltar a Segóvia para saber notícias de D. Rui que acreditava estar morto e descobre que ele estava vivo e que na verdade ele tinha assassinado um defunto.

Volta a casa e lá morre, provavelmente por ter enlouquecido, pois não sabia explicar como seu punhal aparecera num defunto enforcado e como poderia estar vivo se ele havia-o apunhalado.

D. Leonor volta a Segóvia onde casa com D. Rui.

Temas Presentes no Conto

As temáticas presentes no conto são de amor, religiosidade (fé, santos, Deus, etc.), vingança e morte.

O defunto pode ser visto como um “anjo” enviado por Deus para proteção de D. Rui. Esse aspecto do defunto como protetor causa uma oposição à imagem que temos de mortos que tornam à vida e geralmente vêm para aterrorizar os vivos.

O título do conto já é bem sugestivo quanto a seu trato sobre a morte. Uma característica perceptível nesta narrativa fantástica é a questão da hesitação mencionada por Todorov como característica de um conto fantástico.

Tanto o leitor, quanto o personagem hesitam quanto à presença do defunto e sua origem. O próprio D. Alonso morre por não suportar a dúvida quanto à morte de não ter ocorrido.

Podemos observar que o defunto queria uma chance para redimir-se de seus pecados na terra para poder descansar em paz.

É visível um caráter marcante na narrativa de Eça de Queiroz, a presença da ironia, pois apesar da história se passar na Idade Média, Eça faz parte do séc. XIX, e tem um olhar realista acerca dos fatos sobrenaturais na obra. Como o fato do personagem ser salvo da morte por alguém que já está morto, e outro que queria vingar-se (D. Alonso) é quem acaba morrendo.

Fé, Proteção E Redenção

Neste tópico queremos destacar as características que consideramos mais frequentes e importantes para a construção da narrativa fantástica em “O defunto”.

O primeiro aspecto do qual trataremos é a presença da fé no conto. Essa presença extrema de fé no conto, como já fora explicitada, não poderia deixar de existir pelo fato da narrativa se passar na Idade Média, período em que a religiosidade era fortemente presente.

Nos primeiros parágrafos do conto temos uma narrativa iniciada de forma bastante descritiva, em que vemos a origem de D. Rui que tinha como madrinha Nossa Senhora do Pilar a quem ele sempre foi fiel e devoto como podemos perceber nesse trecho:

Por amor, e pelas facilidades desta santa vizinhança, tomara ele o piedoso costume, desde a sua chegada a Segóvia, de visitar todas as manhãs, à hora de Prima, a sua divina madrinha e de lhe pedir, em três *Ave-Marias*, a bênção e a graça.

Ao escurecer, mesmo depois de alguma rija correria por campo e monte com lebréus ou falcão, ainda voltava para, à saudação de Vésperas, murmurar docemente uma *Salve-Rainha*.

E todos os domingos comprava no adro, a uma ramalheteira mourisca, algum ramo de junquinhos, ou cravos, ou rosas singelas, que espalhava, com ternura e cuidado galante, em frente ao altar da Senhora. (QUEIROZ, 1974, p. 221-222).

Não é apenas no personagem de que fica explícito essa característica de fé e devoção a Nossa Senhora do Pilar. D. Leonor também era devota da madrinha de D.Rui.

A religiosidade na Idade Média e conseqüentemente no conto é tão forte que, até no trato da mulher amada percebemos um traço de divinização da personagem, no caso, D. Leonor, por quem se apaixonou.

D. Rui se enamorasse dela tresloucadamente, na manhã de Maio em que a viu de joelhos ante o altar, numa réstia de sol, aureolada pelos seus cabelos de ouro, com as compridas pestanas pendidas sobre o livro de Horas, o rosário caindo de entre os dedos finos, fina toda ela e macia, e branca, de uma brancura de lírio aberto na sombra, mais branca entre as rendas negras e os negros cetins que à volta do seu corpo cheio de graças se quebravam, em pregas duras, sobre as lajes da capela, velhas lajes de sepulturas. (IDEM, p.4)

A forma como D.Rui descreve sua amada nos faz imaginá-la e visualizá-la como se ela fosse uma santa, como trecho acima em que ele descreve que a viu aureolada por uma réstia de sol, e seus cabelos cor de ouro, sua pele branca como lírio; que nos recorda a pureza de uma santa ou de qualquer outro ser celestial.

Atentemo-nos, agora, para o tema da proteção presente no conto. São vários os momentos nos quais percebemos que os personagens clamam aos seres celestiais que o caminho do cavaleiro (D.Rui) seja guiado e seguro.

O primeiro momento em que notificamos isso é quando D.Leonor está aflita pelo fato de, através de uma falsa carta,

estar chamandopara morte. Entenda que apesar de serem analisados separadamente, fé e proteção estão intrinsecamente ligados, assim como o aspecto da redenção.

Duas lágrimas saltaram dos cansados olhos de D. Leonor. E dobrando os joelhos, levantando a alma toda para o céu, onde a Lua se começava a levantar, murmurou, numa infinita mágoa e fé:

– Oh! Santa Virgem do Pilar, Senhora minha, vela por nós ambos, vela por todos nós!...(QUEIROZ, 1974 p.13)

Esse é o primeiro clamor de proteção feito no conto, podemos inferir desse trecho, que o envio do enforcado para guia e proteção do cavaleiro, se deu através dessa oração.

Outro momento como esse ocorre quando D.Rui já está a caminho de Cabril e após passar à porta de S. Mauros, encontra um mendigo que lamuriou a Virgem, e a todos os santos, proteção ao cavaleiro.

Aí, um mendigo, agachado na escuridão dum arco, e que tocava monotonamente a sua sanfona, pediu, em lamúria, à virgem e a todos os santos, que levassem aquele gentil cavaleiro na sua doce e santa guarda. (QUEIROZ, 1974, p.236)

Depois do encontro com o mendigo, lembra que não fora à igreja rezar e pedir as bênçãos de sua madrinha e ali mesmo onde estava apeou do cavalo e rezou uma salve- rainha.

A partir de trechos como esses de oração e pedidos de proteção é que nós podemos entender ou tentar explicar a

presença do enforcado como guia do cavaleiro. Isso não nos explica nada, mas faz com que nos coloquemos no lugar dos personagens que acreditavam tão fervorosamente que tudo que acontecera fora por vontade de Deus e da Virgem.

Outro aspecto abordado no conto é a questão da busca de redenção. Segundo o conto, Cerro dos Enforcados era o lugar onde se condenavam criminosos. A partir disso pode-se pressupor que o enforcado era um criminoso que estava tendo a oportunidade de redimir-se após a morte. O trecho a seguir descreve o Cerro dos Enforcados.

Um galgo curto o punha no Cerro dos Enforcados... Bem o conhecia também, esse sitio de tristeza e pavor, onde se enforcavam os criminosos, e onde seus corpos ficavam, balouçados da ventania, ressequidos do sol, até que as cordas apodrecessem e as ossadas caíssem, brancas e limpas da carne pelo bico dos corvos. (QUEIROZ, 1974, p.235)

A partir desse momento começa a construir-se um ambiente mais sombrio na narrativa, pois até então, em geral, a descrição do ambiente possuía um caráter romântico em que apenas se descreve os sentimentos e as sensações de D. Rui a respeito de D. Leonor.

Observe como Eça é detalhista ao falar dos momentos que antecediam a jornada do cavaleiro a Cabril:

Mas, quando escureceu, e em torno às torres da igreja começaram a girar os morcegos, e nas esquinas d'adro se acenderam os nichos das almas, o valente moço sentiu um medo estranho, o medo daquela felicidade

que se acercava e que lhe parecia sobrenatural. (QUEIROZ, 1974 p. 235)

No momento em que está ocorrendo o encontro do enforcado com D.Rui, podemos perceber evidentemente a hesitação tratada por Todorov como uma das características para ser conto fantástico. O cavaleiro fica a se perguntar o que está acontecendo, se é algo vindo do além, se é alguma traquinagem de demônio, perguntava-se se poderia ser humana a voz que ele ouvia e se haveria vida nalgum daqueles desgraçados.

Restaria nalguns, por maravilhosa mercê de Deus, alento e vida? Ou seria que, por maior maravilha, uma dessas carcaças meio apodrecidas o detinha para lhe transmitir avisos de Além-da-Campa? [...] (QUEIROZ, 1974p.239)

Vemos que o intuito do enforcado, ao abordar o cavaleiro, e pedir para acompanhá-lo na caminhada, não é apenas para protegê-lo, mas para alcançar graça perante dos olhos da santa, quando ele diz no trecho, “- *Senhor — suplicou- não mo negueis, que eu tenho a receber grande salário se vos fizer grande serviço.*” (1974, p.240)

E por acreditar que o enforcado era um companheiro enviado por Deus, o cavaleiro aceita, ainda que relutantemente, a companhia do defunto.

Enquanto continuam sua jornada a Cabril o defunto cuida para que tudo corra bem e que nada de ruim aconteça ao cavaleiro, e outra vez, quando o ele recusa um de seus conselhos, ele deixa claro que precisa fazer isso por para que receba sua mercê, como podemos comprovar no trecho, “Não

mo negueis, senhor, que se vos fizer grande serviço, ganharei grande mercê.” (QUEIROZ, 1974, p.244).

Depois de realizado o serviço do defunto, ele pede que o cavaleiro o leve devolta para Cabril, onde, mais uma vez ele torna a seu lugar de enforcado, contudo o enforcado não seria redimido se o cavaleiro não fizesse uma suplica por ele a Santa.

— Senhor, muito vos rogo agora que, ao chegar a Segóvia, tudo conteis fielmente a Nossa Senhora do Pilar, vossa madrinha, que dela espero grande mercê para minha alma, por este serviço que a seu mandado, vos fez o meu corpo. (QUEIROZ, 1974, p.247)

Assim ficam comprovadas as três características que apontamos no conto: fé, proteção e redenção. Esses três aspectos são de caráter Maravilhoso, que é recorrente na literatura fantástica de Eça de Queiros, como nos contos “A Aia” em que a personagem sacrifica seu filho por acreditar que no céu irá reencontrá-lo; também em “Frei Genebro”, no qual temos a presença de anjos, crença em céu, inferno e purgatório.

Considerações Finais

A partir da análise do conto “O defunto”, do renomado escritor português Eça de Queiroz, pudemos analisar as características fantásticas presentes na literatura portuguesa.

Definimos o conto analisado como fantástico maravilhoso, no qual há presença de acontecimentos sobrenaturais que não podem ser explicados.

Note-se que os acontecimentos relatados no conto possuem caráter fantástico para nós leitores do século XXI e claro

do século de XIX em que fora escrito, pois as crenças religiosas não estão inseridas naturalmente em nosso cotidiano.

Contudo, se o conto fosse analisado do ponto de vista medieval, ou seja, por leitores da época, será que o seu caráter fantástico permanecerá já que na Idade Média a religiosidade era vista como algo natural?

Então, a narrativa fantástica perde seu caráter fantástico dependendo das crenças da época em que fora escrito? Pode-se dizer então que o gênero não possui características fixas? Ou o olhar do leitor não irá interferir na análise das narrativas fantásticas?

Apesar desses questionamentos, vemos que Eça de Queiroz trabalha com maestria esse gênero literário. Mesmo ele sendo um homem realista do século XIX, ele consegue levar o leitor a sentir terror e hesitar quanto ao que é real e ao que é imaginário.

Referências

- GOFF, Jacques Le. *O imaginário Medieval*, Ed. Estampa 1994, (p. 45-65).
- MELLO, Fernando Ribeiro de. *Antologia do Conto Fantástico Português*, Ed. Afrodite 1974, (p. 221-253.).
- SÁ, Marcio Cícero de. *Da Literatura Fantástica (teorias e contos)*, São Paulo, 2003. Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em teoria literária e literatura comparada
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1970.